

# Amerika

Mémoires, identités, territoires

24 | 2022

Beauté de l'Amérique, de ses identités et de ses territoires

Dossier: Beauté de l'Amérique, de ses identités et de ses territoires

La Beauté de l'Amérique, vue de l'extérieur:Regards européens sur le Brésil, Cuba et les États-Unis

---

## Animais maravilhosos e seus rastros medievais na América Portuguesa :Entre o fabuloso e o promocional

*Marvelous animals and their medieval traces in Portuguese America:Between the fabulous and the promotional*

PEDRO FONSECA

<https://doi.org/10.4000/amerika.15569>

---

### Résumés

Português English

Este artigo examina três fatores que motivam a construção narrativa das crônicas do “Novo Mundo”, com especial referência àquelas que tratam da colonização do Brasil. O primeiro deles é o fato de serem encontrados nessas crônicas brasileiras motivos referenciais à fauna maravilhosa da tradição medieval. O segundo fator examinado, intimamente ligado ao primeiro, é a constatação de que os motivos dessa fauna maravilhosa provêm da tradição dos livros bestiários da Idade Média. Finalmente, o terceiro fator consiste na observação de uma pragmática de intenção promocional presente nessas crônicas. Arrazoando a relação desses fatores, o artigo faz uma abrangente descrição crítica dos animais das crônicas coloniais que apresentam motivos do bestiário medieval e chega à conclusão de que esse tratamento da fauna colonial revela a intenção de promoção das realidades naturais das terras coloniais brasileiras, utilizando-se da relação entre o registro do exotismo, o ganho e a exploração para além do simples maravilhar desinteressado. Apesar de não ser a intenção do artigo, dados seus limites, fazer uma teoria dessa relação, ele acena para a conclusão de que o maravilhoso da fauna exótica do Brasil colonial funcionou muitas vezes como incentivo para o desfrute entre o imaginário e o real das coisas das terras novamente descobertas.

This article examines three factors that motivate the narrative construction of the “New World” chronicles, particularly those dealing with the colonization of Brazil. The first is that in these Brazilian chronicles, motifs referring to the marvelous fauna of the medieval tradition are found. The second factor examined, closely linked to the first, is the finding that the reasons for this wonderful fauna come from the tradition of bestiary books from the Middle Ages. Finally, the third factor is the pragmatics of promotional intention present in these chronicles. Reasoning the relationship between these factors, the article makes a comprehensive critical description of the



animals in the colonial chronicles that present motifs from the medieval bestiary. It concludes that this treatment of colonial fauna reveals the intention to promote the natural realities of Brazilian colonial lands, using the relationship between the record of exoticism, gain, and exploration, beyond simple disinterested wonder. Although it is not the intention of the article, given its limits, to make a theory of this relationship, it points to the conclusion that the marvelous exotic fauna of colonial Brazil worked many times as an incentive for the enjoyment between the imaginary and the real of the things of the lands newly discovered.

---

## ***Entrées d'index***

**Keywords:** wonderful representation, medieval animals, brazilian fauna, colonial chronicles, promotion and usefulness

**Palavras chaves:** representação maravilhosa, animais medievais, fauna brasileira, crônicas coloniais, promoção e utilidade

---

## ***Texte intégral***

# **Introdução**

- 1 As crônicas dos descobrimentos e colonização da chamada América Ibérica, apesar de terem sido escritas em um período de renovação cultural e material por que passava grande parte do Velho Mundo nos princípios dos tempos modernos, permaneceram ainda bastante influenciados por motivos da *formula mentis* da tradição cultural medieval. (Greenblatt, 1991 : 192, n. 35).
- 2 Tais crônicas, para além do seu compromisso com o documental, frequentemente embutiam em seu discurso formas e motivos do maravilhoso e sua retórica medieval. Uma das grandes singularidades dessa disseminação consistiu-se na presença de rastros de animais medievais nas crônicas do ‘Novo Mundo’. A formação dessa influência medieval para representar a beleza e a admiração da fauna colonial foi, entre outras fontes, buscada na tradição do bestiário medieval por meio de descrições, comparações e interpretação de imagens, tipos e figuras que vieram a constituir uma verdadeira *menagerie* ao modelo medieval transferido para o contexto das novas terras americanas.

# **O edênico, paradisíaco e a *ratio* portuguesa**

- 3 É com base nesses pressupostos que uma leitura desse tipo de literatura cronística pode ser feita focada na apropriação da tradição literária dos bestiários medievais com vistas a finalidades não só de conhecimento mas também promocionais. Influenciados pelo simbólico e figurativo do imaginário medieval, muitos cronistas da América, necessitados de retratar sua maravilhosa e exorbitante realidade ampararam-se nas *auctoritas* do saber tradicional, fazendo largo uso do método analógico concordante com a visão medieval da harmonia cósmica fundamentada na ideia da Criação Divina. (Franco Júnior, 2008 : 1-61).
- 4 Uma das mais sensacionais promoções dessa visão genésica proporcionada pelo método analógico foi o *tópos* do Éden americano ; a ideia de que a América pudesse abrigar, literal ou metaforicamente, o jardim sagrado do Paraíso Terreal. Sérgio Buarque de Holanda, comentando sobre a presença dos motivos edênicos e paradisíacos na cronística portuguesa sobre o Brasil colonial, discute o arcaico conservadorismo de feito medieval da mentalidade portuguesa da época dos descobrimentos ultramarinos apegada à razão do sensível e do pragmático,

desinteressada do fabuloso e maravilhas *per se*. Entretanto, explica que esse mesmo tipo de realismo não haveria de negar as infinitas possibilidades da Natureza e seu aspecto sobrenatural de direitos eternos

O mesmo realismo, que se diria antes uma resignação ao real e ao imediato, essa cautelosa e pedestre razão lusitana [...] não devia soar mal à generalidade daqueles marinheiros, aventureiros, colonos, mercadores, cronistas portugueses e a seu fastio por portentos e prodígios. Ainda quando inclinados a admitir as mais excitantes maravilhas da Criação, por onde sempre se declaram, enfim, a glória e a onipotência divinas, não as procuravam expressamente, salvo quando servissem para contentar seu apetite de bens materiais. (Holanda, 1969 : 130).

- 5 Foi com essa disposição realista, voltada para a visão quase sempre utilitária da realidade observada, que os cronistas portugueses principalmente dos séculos XVI e XVII registraram suas experiências com a realidade colonial brasileira, policiando arroubos de maravilhosos gratuitos frente a exuberância e o prodigioso dos seres encontrados, caracterizando, assim, aquela já comentada inclinação portuguesa para a resignação ao real e imediato entendidos como verdades demonstráveis.
- 6 Entretanto, essa espécie de despreocupação dos cronistas coloniais portugueses daqueles séculos com o maravilhoso e fabuloso em nada significou uma incapacidade inata do imaginário, muito menos uma incompetência na expressão de emoções verdadeiras e simples diante das formas deslumbrantes da natureza. Se, por um lado, essa imaginação peculiar resistia aos arreatamentos que impediam uma abordagem equilibrada do concreto, por outro, revelou-se adequada para abarcar aquela faceta epocal da credulidade portuguesa de raiz religiosa a explicar o prodigioso e as maravilhas com uma reverência realista aceitável e uma surpreendente complacência pelo sobrenatural.

## **A *ratio* portuguesa e o bestiário medieval**

- 7 Uma curiosa aproximação entre esse traço antropológico do imaginário racional português e o imaginário dos livros bestiários medievais pode ser feita, tendo como traço comum em ambos a presença de um forte substrato de realidade a sustentar as suas imagens transfiguradas, no caso do bestiário, por um simbolismo metafórico, no qual os seres da natureza falavam aos homens por meio de uma heráldica divina. (Eco, 1986 : 53). De forma semelhante, a visão portuguesa sobre as excentricidades da fauna das terras descobertas e colonizadas reproduziu essa característica do bestiário em contar com bases reais para construir as suas imagens figurativas. Mário Martins, estudando a influência do bestiário na literatura medieval portuguesa, comenta sobre o aspecto religioso desse realismo simbólico, presente na visão dos seres da natureza como criaturas criadas por Deus para fins de evangelização. (Martins, 1951 :547).
- 8 Foi em momentos mais místicos das crônicas coloniais que esse mesmo pensamento devocional do bestiário medieval esteve presente, moderando a *ratio* portuguesa com o seu apego à realidade concreta e imediata, com a credibilidade e aceitação do sobrenatural. E foi essa mesma naturalidade face ao excepcional que haveria de dar vivacidade ao carácter documental desses cronistas, conferindo-lhe qualidade pitoresca e feliz convivência com o literário, demonstrando, assim, que mesmo o discurso histórico possui naturalmente um impulso para o ficcional (White, 1992 : 94).
- 9 Portanto, para esses comedidos cronistas portugueses, o seu espanto diante das benesses, inclusive paradisíacas, logo ganharia um carácter prático e utilitário, como acontece de forma exemplar nos nos *Diálogos das grandezas do Brasil*, de Ambrósio Fernandes Brandão, em que o cronista associa o encanto paradisíaco, a benevolência e a beleza de tantas espécies animais e vegetais ao uso propagandístico de suas qualidades materiais e seu potencial de exploração e mercado.
- 10 Diante das inusitadas estranhezas prodigiosas, impossíveis de uma compreensão mais racional e prática, esses mesmos cronistas portugueses assumiram aquela

tradicional postura medieval de conferir à natureza um simbolismo virtuoso de caráter metafísico, divinamente instruído. Talvez, um dos exemplos mais significativos disso seja o caso da descrição de uma planta misteriosa das florestas brasileiras conhecida como erva-viva ou sensitiva, a *mimosa pudica*, em cujo nome latino a ciência botânica cuidaria de perpetuar conotações simbólicas de fundo religioso e moralizante, nada estranhas à prática do pensamento medieval.

- 11 A recorrência teológica, de raízes medievais, presente na descrição dessa planta, foi tão marcante que a tornou mencionada na *História da Província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil* (1576), de Pero de Magalhães Gandavo, um dos primeiros cronistas da era colonial :

[e]sta planta deve ter alguma virtude mui grande, a nós encoberta, cujo effeto nam será pela ventura de menos admiraçam. Porque sabemos de todas as hervas que Deos criou, ter cada huma particular virtude com que fizessem diversas operações naquellas cousas pera cuja utilidade foram criadas e quanto mais esta a que a natureza nisto tanto quiz assinalar dando-lhe hum tam estranho ser e diferente de todas as outras (Gandavo, 1980 : 101).

## Rastros do bestiário medieval em Brandão e outros cronistas o sentido da promoção

- 12 Dada a assimilação restrita e sóbria dos motivos, e devido à diversidade de ênfase e interesse com que as espécies foram escolhidas e tratadas nas crônicas sobre o Brasil dos primeiros tempos de colonização, qualquer abordagem que pretenda esgotar o imenso leque de influências do imaginário bestiário medieval nessa cronística acaba por verificar que um levantamento sistemático se torna bastante difícil. Isso porque essa assimilação nem sempre se apresenta de forma literal, clara e consistente, mas sim dispersa em meio a sugestões diversas, cuja plausibilidade deve ser traçada nas entrelinhas a custo de uma verdadeira disposição semelhante ao método arqueológico.
- 13 A seguir-se nessa perspectiva, a influência do bestiário nas crônicas coloniais pode ser examinada em suas figurações mais plausíveis e recorrentes, escolhendo-se para tanto, como ponto de partida, os *Diálogos das grandezas do Brasil* de Ambrósio Fernandes Brandão, por se tratar de um livro em que, de forma mais consistente, tais figuras são passíveis de serem rastreadas de forma mais direta, muitas vezes com referências nominais a animais do repertório medieval. Escritos em 1618, os *Diálogos* de Brandão não deixaram de receber a influência do bestiário, constituindo um verdadeiro repositório de casos a ele recorrentes, cujas referências a espécies bestiárias são rastreáveis, como em outros cronistas, podendo ser analisadas nas suas variações e adaptações de motivos que muitas vezes precisam ser garimpados e reconhecidos em suas camadas de caracterização indireta.
- 14 Um caso peculiar de disseminação dessa herança bestiária pode ser encontrado na referência que Brandão faz a um curioso animal híbrido encontrado nas terras brasileiras. O híbrido constituiu um tema bastante presente no imaginário animal medieval, sendo assunto para as mais intrincadas elucubrações ligadas ao campo da magia, tão cara ao pensamento medieval e que servia para revelar a harmonia genésica dos seres da natureza (Benton, 1992 : 16 *et passim*).
- 15 No caso de Brandão, o cronista se refere a um tipo curioso e singular de híbrido produzido a partir do artifício da natureza. Embora, o cronista não mencione o nome desse híbrido, ele diz provir do gado, *ovelhum* e *cabrum* [...] mestiços, filhos de ovelhas e cabrão que, “representando a feição de ambos os paes, tomam de um uma cousa, e de outro a outra, com que se forma case outro animal diferente na composição e são excelentes pera se comerem” (Brandão, 1930, p. 240).
- 16 Trata-se de um quadrúpede, de aparência aceitável, resultante do cruzamento de duas espécies distintas, mas compatíveis. A finalidade utilitária de tal animal, considerada em termos de lucro econômico, foi apresentada em um contexto em que se discute o fato de os residentes do Brasil não demonstrarem interesse em explorar, de

forma planejada, a prodigalidade prodigiosa e paradisíaca da natureza brasileira. Em correspondência com esse motivo, o cronista, reconhecendo a excelência da qualidade comestível do híbrido, ressignifica aquele procedimento medieval que, sintonizado na visão da natureza como bênção divina, consistia na apreciação da realidade dos seres em razão das suas propriedades naturais.

## Animais medievais na cronística colonial – Exemplos da terra

### A fênix, a jiboia e a *sucurijuba* brasileira

17 Entre as figuras rastreáveis indicadoras da presença simbólica do bestiário medieval na cronística colonial, um exemplo pitoresco é o caso da figuração de uma temível, mas admirada por suas características fabulosas recorrentes ao bestiário, cobra brasileira que Brandônio identifica por seu nome nativo de *boaçú*, a jiboia brasileira, cuja maior singularidade é a sua capacidade de « [u]ma cousa assás estranha, a qual é que, depois de mortas e comidas dos bichos, tornam a renascer como a Phenix, formando novamente sobre o espinhaço carne e espírito » . (Brandão, 1930 : 254).

18 A presença dessa cobra tornou-se referência quase obrigatória também em outros cronistas. Ela aparece em Pero de Magalhães Gandavo, em seu *Tratado da terra do Brasil* (1576), numa descrição de motivos similares aos de Brandão. Embora Gandavo não se refira, *verbatim*, à figura da fênix, a razão do renascimento nela está descrita. Depois de ter comido a sua presa favorita que engole inteira, a besta

arrebenta pela barriga e apodrece com a cabeça e a ponta do rabo sãs ; e tanto que desta maneira fica torna pouco a pouco a criar carne nova até que se cobre outra vez da mesma carne tão perfeitamente como dantes : isto virão e experimentarão muitos índios e moradores da terra, a estas chamão pela lingua dos índios giboiosú. (Gandavo, 1980 : 60).

19 Por sua vez, se o padre Fernão Cardim não se refere ao motivo do renascimento dado à jiboia, é em relação a outra cobra que ele o faz, a chamada *sucurijuba* :

Esta cobra he a mór, ou das maiores que ha no Brasil, assi na grandeza como na formosura [...]Tem huma cadêa pelo lombo de notavel pintura e formosa, que começa da cabeça e acaba na cauda ; tem dentes como cão, e aferra em huma pessoa, vacca, veado, ou porco, e dando-lhes algumas voltas com a cauda, engole a tal cousa por inteira, e depois que assi a tem na barriga deixa-se a prodecer, e os corvos a comem toda de modo que não ficam senão os ossos, e depois torna a criar carne nova, e ressurgir como dantes era, e a razão dizem os Indios naturaes he, porque no tempo que apodrece tem a cabeça debaixo da lama, e porque têm ainda em o toutiço tornão a viver : e porque já se sabe isto quando as achão podres lhe buscão a cabeça, e as matam. (Cardim, 1980 : 55).

20 No *Tratado descritivo do Brasil em 1587* de Gabriel Soares de Sousa, a jiboia é descrita e comentada ampliando-se as observações feitas anteriormente por Gandavo sobre o animal. Portanto, é muito provável que Cardim, para além da disseminada sugestão bestiária ofídica, também tivesse bebido de fontes como essas para se referir a essa cobra de aparência portentosa e de costume estranho.

21 A presença constante da jiboia nas crônicas coloniais, tratada com motivos recorrentes ao imaginário da tradição bestiária, em que se destaca a imagem de seu renascimento, ainda merece uma possível interpretação simbólica e metafórica quanto à visão da natureza brasileira no contexto ideológico desse tipo de literatura. Nesse aspecto figurativo, estaria presente a ideia fundamental dessa natureza exótica e exuberante, com as suas espécies fabulosas e até conotações míticas, para poder representar uma imensa força criadora, à qual estariam associadas ideias de

prodigalidade, regeneração e fertilidade de uma terra naturalmente disposta a gerar benefícios, convidativa ao empreendimento e exploração colonialistas.

## O bonacão e o gambá brasileiro

- 22 Em Brandão, observou-se que as referências a animais, como no caso da cobra *boaçú* e do pássaro *guarainguetá*, foram feitas literalmente em relação às espécies bestiárias. No entanto, outros animais, todos eles especiais por causa da sua estranheza e admiração, podem ser rastreados no bestiário apenas por um processo de abordagem analógica. É o caso de um animal, conhecido na língua dos nativos como *jarataquáqua*, também conhecido pelo nome de *maitacáca* ou *jaritacáca*, talvez o único animal do bestiário de Brandão realmente repelente por suas extraordinárias propriedades escatológicas.
- 23 Dizia-se que esse animal se defendia dos seus perseguidores usando os seus fétidos e impregnantes ventos intestinais, em uma aproximação dedutível com o famoso *bonacão* do bestiário, espécie de híbrido de touro e cavalo que, com os chifres voltados para dentro, não tinha outra arma de defesa senão o vento quente que, expelido com excrementos, bastava para queimar o que alcançava de longe.
- 24 Em alguns cronistas, a razão dessa fétida figura de bestiário não aparece com essas propriedades escatológicas, exceto pelo fedor do seu corpo, sendo identificada em algumas espécies animais da fauna brasileira. É o caso da breve descrição que Jean de Léry, cronista francês do Brasil colonial, faz do *sariguá*. Gandavo chama *sariguá* o *cerigoé* de Léry, descrevendo-o detalhadamente e atribuindo ao animal características realmente inusitadas e dignas da maior estranheza.
- 25 É, no entanto, em Fernão Cardim e Gabriel Soares de Sousa, nas suas descrições da *biarataca* e da *jagurecaca*, respectivamente, que encontra-se presente o motivo dos fétidos e insuportáveis ventos intestinais do *bonacão* do bestiário medieval, como verdadeira arma de defesa. A *biarataca* de Cardim é um animal mortalmente perigoso, com comportamento estranho e inteligência instintiva, que confere com o conhecido gambá terras brasileiras.
- 26 Ao lado dessas figuras de animais brasileiros mais facilmente rastreáveis na tradição do bestiário medieval, o sortimento dos *Diálogos* de Brandão se estende por uma enorme quantidade de referências a animais que se caracterizam por um ou outro traço e comportamento incomuns ou mesmo extravagantes, infelizmente muitas vezes descritos de forma sucinta. Mesmo assim, e com alguma plausibilidade, a conferência desses animais nos protótipos do bestiário pode ser rastreada.

## A mantícora e a preguiça brasileira

- 27 Na esteira ideológica, é bastante frequente, nas crônicas coloniais de conteúdo promocional, a presença de observações severas e discriminatórias sobre a ausência de uma forma de governo mais racional entre os povos indígenas. Eles foram criticados por suas crenças e superstições naturais, por seus costumes primitivos de religiosidade, sexualidade, organização social e, acima de tudo, por sua selvageria canibalesca. Em todo caso, símio ou humano em sua forma silvestre degradada, os índios brasileiros não escaparam de serem tratados pela tropologia colonialista da animalização ou bestialização nativa.
- 28 Essa animalização ideológica, não só do brasilíndio, mas também do ameríndio em geral, foi realizada por meio de estratégias retóricas realmente admiráveis por seu processo de elaboração e efetivação. Frantz Fanon, considerando a visão maniqueísta do colonizador como transmissor do bem para corrigir o mal bestial do nativo, comenta que

sometimes this Manichaeism goes to the end of its logic and dehumanizes the colonized. Strictly speaking, it animalizes him. And, in fact, the colonizer's language, when speaking of the colonized, is a zoological language. It alludes to the reptile movements of the yellow, to the emanations of the indigenous city, to the hordes, to the stench, to the swarm, to the bustle, to the gesticulation. The colonizer, when he wants to describe well and find the exact word, constantly uses the bestiary. (Fanon, 1979 : 31)

- 29 Ainda ligada a esse processo de animalização do indígena brasileiro, em uma relação dialética com a antropomorfização do animal, outra curiosa espécie da fauna brasileira serviu para configurar a noção de uma realidade natural desordenada em sua indistinção entre nativos e animais, à espera do *logos* europeu para redimensionar essas categorias por meio da sua ação civilizatória. É o caso curioso do bicho-preguiça das terras brasileiras, que, na tradição do bestiário, pode ser aproximado, pelo seu semblante, à mantícora. Esse animal exótico da fauna brasileira foi notado por quase todos os cronistas, não só por seu rosto e feições estranhas, mas também por sua peculiar frouxidão, maciez e indolência. O fato, comentado por muitos cronistas, de a preguiça ter rosto semelhante ao do homem e ser a imagem da indolência, não demorou muito para que este animal fosse escolhido para representar a imagem de uma América povoada por nativos semi-animais, naturalmente carentes de energia superior para a construção de uma civilização.
- 30 Tudo parece indicar que a primeira referência a esse animal, nas crônicas coloniais de autoria portuguesa, apareceu na *História da Província de Santa Cruz* de Gandavo. No tratado *Do Clima e Terra do Brasil*, Cardim repete a mesma recorrência descritiva da feiúra dos traços faciais do animal, além de referir-se ao seu aspecto quadrúpede com mãos e pés longos e unhas grandes : « A preguiça que chamão do Brasil, he animal para ver, parece-se com cães felpudos, os perdigueiros ; são muito feios, e o rosto parece de mulher mal toucada » . (Cardim, 1980, 20).
- 31 No capítulo do *Tratado descritivo do Brasil de 1587* de Gabriel Soares de Sousa, intitulado « Em que se declara que bicho é o que se chama preguiça » , o animal, conhecido na língua do gentio pelo nome *aí*, esse mesmo motivo de feiúra e estranheza da sua cara é destacado, repetindo as suas características comportamentais apontadas por cronistas anteriores. (Sousa, 1987 : 256). Por sua vez, a descrição do animal em Brandão, denominado *ahum* pelos gentios da terra, não foge à regra, sendo comentada, logo no início dessa descrição, sobre a sua cara de feições estranhas. (Brandão. 1930 : 248).
- 32 Pelo que se pôde observar, todos os cronistas que trataram desse animal o descreveram impressionados pela peculiar estranheza da sua cara, muitos deles aproximando as suas feições às do rosto humano. E é essa característica que pode ser percebida na figura da mantícora no bestiário, descrito como um animal híbrido, nativo da Índia, com rosto de homem, corpo de leão, cauda de ferrão de escorpião e com uma voz sibilante que lembrava as notas de uma flauta. (White, 1984 : 51).
- 33 O que, porém, destoia na identificação dessa fera do bestiário com a preguiça dos cronistas é o fato de o animal brasileiro ser descrito por sua extrema moderação alimentar e lentidão de movimentos, enquanto a mantícora, com a sua boca de várias arcadas dentárias, era retratada como especialmente ávida por carne humana, sendo muito rápida em suas corridas em busca de sua presa. Nesse caso, curiosamente, não é a preguiça que é a manticora devoradora, mas outro animal descrito por Léry, os *Ian-u-are* dos indígenas identificados com a onça-pintada (Léry, 1980 : 142), relativamente próximo do tigre que, de acordo com o bestiário, às vezes é identificado como a própria manticora, cujo nome « é derivado de uma antiga palavra persa que significa *devorador de homens* » . (White, 1984 : 52, n. 1).

# Animais bestiários na cronística colonial – Exemplos da água

## A rola e o *camaropim* brasileiro

- 34 Por vezes, as analogias dos animais dos *Diálogos* com os seus homólogos bestiários não se detectam simplesmente em termos de referencialidade física, mas pela aproximação de qualidades e atributos geralmente ligados ao fundo moralizante presente no bestiário. É o caso, além do citado exemplo do pássaro *gurainguetá*, que se aproxima do pelicano por seu amor filial, e do peixe *camaropim*, tomado por Brandão como modelo de amor e fidelidade conjugal.
- 35 O *camaropim* de Brandão, devido ao virtuoso tema com o qual é tratado, pode ser comparado no bestiário à rolinha-comum, que sentindo e lamentando a morte do seu parceiro sinceramente, deixando-a viúva, nunca mais procura por outra companhia, insistindo na querida e sentida memória do seu amado companheiro. (White, 1984 : 226). Alviano, em um dos seus raros momentos de comoção em face das grandezas do Brasil, faz acerca desse amoroso sentimento do *camaropim* um comentário bastante semelhante àquela atitude do bestiarista medieval de tentar encontrar, nos seres da natureza, virtudes dignas de louvor cristão, dizendo que « [n]ão é pequeno argumento esse pera se provar que em toda cousa vivente se póde achar amor, posto que em uns em mais quantidade, e em outros em menos » . (Brandão, 1930 : 226).

## A bernacha e o peixe-boi brasileiro

- 36 Constante em quase todos os cronistas coloniais é a impressão provocada por um peixe extremamente exótico comumente conhecido como *manatee* ou peixe-boi, assim chamado
- por se semelhar no rosto case com o mesmo animal, posto que é maior dous tantos, não em ser alevantado, mas na largura e compridão ; porque em alguns desta especie se acha mais peso do que têm dous bois. Este pescado se toma e pesca ás farpoadas pelos rios aonde desembocam os dagua doce, e comido tem o mesmo sabor e gosto da carne de vacca, sem haver nenhuma differença de uma cousa a outra, em tanto que, se misturarem ambas as carnes em uma panella difficultosamente se conhecerá a uma da outra. (Brandão, 1930 : 227).
- 37 Sobre a estranheza desse peixe, Alviano comenta que ele não deixaria de ter muito escrúpulo « se nos dias de peixe usasse desse pescado ; porque entendera que comia carne » . (Brandão, 1930 : 227). Essa referência ao peixe-boi apresenta considerações vinculadas a ideias fundamentais que podem ser buscadas no contexto cultural do imaginário medieval. Em primeiro lugar, lembra o discutido debate, argumentado escolasticamente, sobre a identificação da natureza dos seres como resultado do lugar em que vivem, seguindo-se aqui o sistema aristotélico que consistia em distribuir e tipologizar as espécies animais de acordo com o ambiente natural em que viviam, isto é, condicionado aos quatro elementos da ordem cósmica. Seguindo esse raciocínio, a decisão sobre a verdadeira natureza do peixe-boi escolheria qualificá-lo como peixe, uma vez que o seu alojamento está na água. Assim, apesar do gosto de carne bovina, o problema ficaria dedutivamente resolvido.
- 38 Esse mesmo raciocínio valeria ainda para o caso da *capivára*, um quadrúpede brasileiro que, apesar de viver na água, deveria ser considerado carne e não peixe, « [p]orque a tem elle boa e gostosa ; além de que, conforme rezam, era bem que fosse tido por carne, por pastar na terra, que é ao que se deve de ter respeito pera semelhante duvidas » . (Brandão, 1930 : 231).



- 39 Essa polêmica questão da identificação da natureza do peixe-boi, em relação à prescrição do uso da sua carne segundo o calendário religioso, pode ser aproximada à dos chamados *barnacles* irlandeses, espécies de gansos vegetais que começaram a fazer parte dos bestiários a partir das considerações feitas por Giraldus Cambrensis em *Topografia da Irlanda* (1187). (White, 1984 : 267-268).
- 40 A parte da descrição dos gansos-barnachas que mais se aproxima da descrição do peixe-boi de Brandão refere-se ao fato da justificativa ou não de se poder comer esses animais durante o período da Quaresma. No entanto, por uma questão de conveniência, muita polêmica girou em torno desse assunto, sempre relacionada àquela questão aristotélica de a natureza dos animais estar determinada pelo seu *habitat* como meio e sustento da sua vida.
- 41 Ainda no que diz respeito à figura do peixe-boi, pode-se detectar outro do imaginário medieval presente no bestiário. É aquela discutida noção da *similatio oppositorum*, segundo a qual tudo o que existe em um elemento da constituição cósmica tem a sua contrapartida em outro elemento relacionado a essa constituição. Assim, se há boi terrestre, deve haver, em virtude desse princípio, boi aquático. Assim como existe o homem que habita a terra, também deve haver sua contraparte humana residindo no mar. Nesse caso, passou a ser aceito que a deformação ou imperfeição, ou mesmo a noção de monstruosidade, recai sobre a espécie deslocada de sua condição normal de alojamento.
- 42 Aparentemente, essa noção de oposições semelhantes encontrou a sua formação, na Idade Média e mesmo nos princípios dos tempos modernos, derivada daquela antiga crença em um paralelismo cosmogônico que, desde Platão, persistia, ainda que de forma obscura, na mentalidade ocidental. Para o pensamento medieval, inflado pela religião, esse princípio das oposições semelhantes paralelas ainda estava em perfeito acordo com aquela visão teológica, já defendida por Santo Isidoro de Sevilha no século VII, que concebia o universo como formado por equivalências harmoniosamente equilibradas, por meio das quais o poder e onisciência da criação divina tornavam-se manifestos. É o caso dos chamados homens-marinhos que, dada a noção medieval de paralelismo entre as espécies da terra e do mar, lembram os tritões.

## O cocodryllus, o homem-marinho e o jacaré brasileiro

- 43 Essas singulares criaturas marítimas foram também assunto de curiosidade de Cardim e Jean de Léry, reforçando ancestrais crenças de existirem no mar todas as espécies de animais terrestres. Gabriel Soares de Sousa dedica um capítulo inteiro do seu *Tratado descritivo do Brasil em 1587* aos chamados homens-marinhos, lembrando, de forma peremptória, a existência desses homens-marinhos na Bahia e em seus recessos, chamados *upupiara* pelos indígenas.
- 44 Ao contrário de Léry, o cronista não considera a origem imaginária ou real desses monstros marinhos humanos, atribuindo, entretanto, a sua crença aos índios e negros habitantes da terra. Se as testemunhas de Soares de Sousa não trazem referências específicas a motivos que os possam aproximar mais diretamente de figuras da tradição bestiária, é, porém, em Cardim, no tratado *Do Clima e Terra do Brasil*, que segundo a opinião mais autorizada foi escrito em 1584 juntamente com o tratado *Do princípio e origem dos índios do Brasil*, que tais criaturas podem ser plausivelmente rastreadas em recorrência a algumas características do conhecido *cocodryllus*, crocodilo do bestiário medieval.
- 45 O crocodilo, ao qual se pode aproximar esses homens-marinhos de Cardim, tem no bestiário um simbolismo muito elucidado e altamente moralizador. Dentre as suas peculiaridades, as mais discutidas são aquelas que metaforizam as características físicas e comportamentais do animal no que se refere à hipocrisia e dissimulação, aspectos que podem ser conferidos nos homens-marinhos quanto ao seu provavelmente falso

sentimento para com as suas vítimas. Essas estranhas criaturas das crônicas coloniais, quando matavam as suas vítimas, soltavam os seus gemidos de compaixão, porém, não derramavam as conhecidas *lágrimas de crocodilo* do ditado popular, cuja origem certamente remonta à figuração desse animal na época do medieval bestiário, como no *Bestiário Divino* de Guillaume Leclerc. Outro aspecto interessante da figuração iconográfica do crocodilo no bestiário refere-se ao fato de ele ser um predador carnívoro.

- 46 No bestiário traduzido e editado por White, ele é retratado como um animal quadrúpede feroz, com grandes mandíbulas entreabertas, em uma atitude que sugere a devoração de um homem que está preso em suas terríveis fauces. (White, 1984 : 49).

## Animais medievais na cronística colonial – Exemplos do ar

### A harpia e a jandaia brasileira

- 47 Com a finalidade de elencar certos tipos de animais, cuja natureza e inclinação indicam uma sutil mas plausível recorrência a espécies da tradição bestiária medieval, pode-se começar com as *hyendayas* ou *jandaias*, espécie de pássaros como os milhafres vorazes e daninhos às colheitas, que Alviano, o interlocutor dos *Diálogos*, compara às harpias da tradição clássica correspondentes às sereias aladas por seu aspecto predatório.

O pelicano e o *guraingaetá* brasileiro

Se a figura da fênix aparece literalmente nos *Diálogos* de Brandão, entretanto, outras referências a várias figuras da tradição bestiária só podem ser traçadas indiretamente por meio de um exame mais detalhado da descrição de certas características e do comportamento incomum de certos animais da fauna brasileira. Entre eles, é o caso de um pássaro, de hábito muito estranho, conhecido na língua nativa como *guraingaetá*. Esse pássaro, em um expediente inusitado e extraordinário, sacrifica o seu próprio corpo, com prazer delicioso, para obter alimento para os seus filhotes, lembrando assim o pelicano, um dos animais do bestiário que simboliza o amor e o sacrifício de Cristo pelos homens. (Brandão, 1930 : 219).

## Discurso do gênero e animalização da América

- 48 Na iconografia do “Novo Mundo”, o retrato desse imaginário da devoração das coisas e seres americanos, especialmente brasileiros, tinge-se de propriedades de um discurso do gênero construído pelo colonizador. Como construção simbólica de um verdadeiro complexo psicosssexual, pode ser percebido nas várias, e tornadas comuns, representações da América, na segunda metade do século XVI, como uma indígena seminua, montada, em posição muito natural, em um jacaré, a contrapartida fera brasileira do crocodilo africano.
- 49 O bestiário medieval comenta, à sua maneira moralista, que as fezes desse animal serviam para produzir um unguento com o qual prostitutas velhas e enrugadas se mascaravam para se tornarem belas, sendo consideradas, por esse e outros atributos, um símbolo de hipocrisia, vaidade e luxúria. É esse aspecto misógino do bestiário, conferido na figuração do crocodilo que, curiosamente disseminado, aparece na animalização das indígenas brasileiras para, por simbiose com o jacaré, simbolizar a natureza americana sob o prisma androcêntrico, como regida pelo princípio do

feminino, como uma sombria realidade disfarçada sem, no entanto, deixar de ser luxuriosa. Essa alegoria da América-mulher animalizada, uma das tropologias mais fortes da conquista, serviu, ideologicamente, para justificar, em nome da civilização patriarcal, o seu controle e domínio ao modelo mercantil dos princípios dos tempos modernos.

## Conclusão

- 50 Com maior ou menor peso metafórico e simbólico, os animais das crônicas coloniais, principalmente pelo seu exotismo e prodigiosidade, além de apresentarem marcas do bestário para compor a visão da natureza, também serviram, emprestando motivos dessa tradição bestiária, como figuras em função ideológica norteadora do projeto de conquista e colonização como, entre tantas outras, foi a aparição do bicho-preguiça das matas brasileiras. O seu aspecto antropomórfico contrasta frontalmente com o aspecto zoomórfico dos brasilíndios, cujos hábitos de ornamentação corporal, aspectos de sua vida e costumes eram constantemente referidos, nas crônicas coloniais, em termos de analogias animais. Nesse caso de transposição, em que o animal adquire feições humanas e o indígena se animaliza, o efeito final só poderia ser o de uma simbiose, em que índios e animais se amalgamavam para simbolizar uma América de total anarquia selvagem, à espera do *logos* organizador do europeu.
- 51 Nesse ponto, vem novamente à lembrança a maneira como as primeiras imagens da América foram representadas por pinturas, desenhos e xilogravuras já por volta da segunda metade do século XVI : uma indígena nua, adornada com elementos do seu meio natural, com as suas rústicas armas de caça ou de defesa (arco, flecha ou tacape), frequentemente acompanhada por certos animais característicos do exótico ou do selvagem, como naquela famosa ilustração de Theodore Galle (c. 1580), onde o “Novo Mundo” se apresenta àquele que lhe daria seu nome, Américo Vespúcio, representado pela imagem de uma indígena que tem ao seu lado esquerdo, trepado numa árvore, um bicho-preguiça.
- 52 A semântica dessas duas imagens, assim justapostas, não poderia ser outra senão a da letargia que, equivalendo o bicho-preguiça à indolente ameríndia reclinada na sua rede, convida o *animus* europeu para despertá-la em nome da civilização, derivando dessa tendenciosa excitação a sugestão de desvirginação, e muitas vezes mesmo o próprio estupro como inocente resgate e adestramento da barbárie (Fig. 1).



Fig. 1 – América (c. 1580). Gravura de Theodor Galle a partir de um desenho de Jan van der Straet (c. 1575). Foto : The Burndy Library, Norwalk, Connecticut, EUA. Extraído de MONTROSE, Louis. *The Work of*

*Gender and Sexuality in the Elizabethan Discourse of Discovery*. In : Stanton, Donna C. (Ed.). *Discourses of Sexuality : From Aristotle to AIDS*. Ann Arbor : University of Michigan Press, 1992.

## Bibliographie

- Benton, Janetta Rebold. *Medieval Menagerie : Animals in the Art of the Middle Ages*. New York : Abbeville Press Publishers, 1992.  
DOI : 10.1111/j.1467-8357.1994.tb00031.x
- Brandão, Ambrósio Fernandes. *Diálogos das grandezas do Brasil*. Intro. de Capistrano de Abreu e notas de Rodolpho Garcia. Rio de Janeiro : Officina Industrial Graphica, 1930.
- Cardim, Fernão. *Do clima e terra do Brasil*. In : Cardim, Fernão. *Tratados da terra e gente do Brasil*. Belo Horizonte : Itatiaia ; São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 1980.
- Eco, Umberto. *Art and Beauty in the Middle Ages*. Trad. Hugh Bredin. New Haven and London : Yale University Press, 1986.
- Fanon, Franz. *Os condenados da terra*. Trad. José Laurêncio de Melo. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1979.
- Franco Junior, Hilário. Modelo e imagem : O pensamento analógico medieval, *Artehis*, no. 2, 1-61, 2008. Disponível em : <<https://doi.org/10.4000/cem.9152>>. Acesso em : 28/05/2021.  
DOI : 10.4000/cem.9152
- Gandavo, Pero de Magalhães. *Tratado da terra do Brasil / História da Província de Santa Cruz*. Belo Horizonte : Itatiaia ; São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 1980.
- Greenblatt, Stephen. *Marvelous Possessions : The Wonder of the New World*. Chicago : University of Chicago Press, 1991.  
DOI : 10.7208/chicago/9780226525181.001.0001
- Holanda, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso : Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo : Companhia Editora Nacional, 1969.
- Léry, Jean de. *Viagem à Terra do Brasil*. Trad. e notas de Sérgio Milliet. Belo Horizonte : Itatiaia ; São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 1980.
- Martins, Mário. Os “bestiários” na nossa literatura medieval, *Brotéria*, Lisboa, v. 52, 1951, p. 547-560.
- Montrose, Louis. *The Work of Gender and Sexuality in the Elizabethan Discourse of Discovery*. In : Stanton, Donna C. (Ed.). *Discourses of Sexuality : From Aristotle to AIDS*. Ann Arbor : University of Michigan Press, 1992.
- Sousa, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. São Paulo : Companhia Editora Nacional, 1987.
- White, Hayden. *Tropics of Discourse : Essays in Cultural Criticism*. Baltimore : Johns Hopkins University Press, 1992.  
DOI : 10.56021/9780801821271
- White, Terence Hanbury. *The Book of Beasts : Being a Translation from a Latin Bestiary of the Twelfth Century Made and Edited by T. H. White*. New York : Dover Publications, 1984.

## Table des illustrations



**Crédits**

**URL**

**Fichier**

Fig. 1 – América (c. 1580). Gravura de Theodor Galle a partir de um desenho de Jan van der Straet (c. 1575). Foto : The Burndy Library, Norwalk, Connecticut, EUA. Extraído de MONTROSE, Louis. *The Work of Gender and Sexuality in the Elizabethan Discourse of Discovery*. In : Stanton, Donna C. (Ed.). *Discourses of Sexuality : From Aristotle to AIDS*. Ann Arbor : University of Michigan Press, 1992.

<http://journals.openedition.org/amerika/docannexe/image/15569/img-1.jpg>

image/jpeg, 121k

## Pour citer cet article

Référence électronique

Pedro Fonseca, « Animais maravilhosos e seus rastros medievais na América Portuguesa :Entre o fabuloso e o promocional », *Amerika* [En ligne], 24 | 2022, mis en ligne le 20 juillet 2022,

## ***Auteur***

**Pedro Fonseca**

Universidade Federal de Goiás (Brasil), [pfonseca@ufg.br](mailto:pfonseca@ufg.br)

---

## ***Droits d'auteur***



Creative Commons - Attribution - Partage dans les Mêmes Conditions 4.0 International - CC BY-SA 4.0

<https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/>